

NEOLOGISMOS LIGADOS AOS VOCABULÁRIOS LGBTQI+ E FEMINISTA: PALAVRAS INDICADORAS DE TENDÊNCIA

Jadson Gomes da Silva[1]

Resumo
Este trabalho tem como objetivo levantar uma discussão acerca de neologismos usados com frequência nas redes sociais no período eleitoral brasileiro em 2018. Tendo como base teórica, principalmente, trabalhos de Carvalho (2012) e Basílio (2012), verificamos, numa perspectiva descritiva, os processos de formação dessas palavras e os aspectos sócio-históricos que podem ter motivado o surgimento destas. Discutimos a importância da constante renovação do léxico, que tem uma relação direta com diferentes pressões sociais.

Palavras-chaves: Processos de formação de palavras. Neologismos. Neologismos formais.

Introdução

Vivemos em uma sociedade que está em constante movimento. Passando por constantes mudanças. E essas mudanças influenciam a linguagem tanto falada como escrita, por isso nosso léxico está em constante transformação. O léxico, como afirma Basílio (2012), é uma espécie de "depósito de elementos de designação, o qual fornece unidades básicas para a construção dos enunciados". Marcuschi (2014 *apud* ANTUNES, 2012, p. 28) ainda define o léxico como "o nível da realização linguística tido como o mais instável, irregular e até certo ponto incontrolável". Assim, é possível perceber que o léxico não é um sistema fechado. Precisamos de palavras novas frequentemente, porque estamos sempre produzindo e reconhecendo novos seres, objetos, entidades, fenômenos e relações. Então, é possível afirmar que temos um sistema que está sempre em processo de transformação, que se expande à medida que há a necessidade de novas palavras, novos usos ou significados. E essa instabilidade e mutabilidade da língua e, consequentemente, transformação do léxico, como bem salienta Marcuschi (2014 *apud* ANTUNES, 2012, p. 30), são

[1] Graduado do Curso de Bacharelado em Letras, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Contato: jadson_gomes@live.com



intrínsecas à cognição e ao discurso e não é uma exceção ou um defeito a serem lamentados.

A constante expansão do léxico não acontece de maneira aleatória, mas através de alguns fenômenos: (1) pela criação de novas palavras; (2) pela incorporação de palavras de outros idiomas; (3) e pela atribuição de novos sentidos às palavras. É claro que há também o (4) uso de afixos nas palavras. O que queremos dizer é que nada disso é feito casualmente, pois, mesmo sem pensar, o falante faz uso de regras internalizadas em seu aparato cognitivo. Basílio (2012) fala sobre a importância dessas regras:

> [...] com o uso dessas regras, não teremos que multiplicar em muitas vezes o número de palavras que teríamos em nosso vocabulário e conseguimos atingir o máximo de eficiência, o que se traduz num máximo de flexibilidade em termos de expressão simultaneamente a um mínimo de elementos estocados na memória, já que não será necessário criar uma palavra totalmente nova (BASÍLIO, 2012).

Enganam-se os que acham que o léxico é um conjunto de etiquetas com que se marcam, com que se nomeiam e rotulam as coisas ao nosso redor (ANTUNES, 2012). A renovação do léxico tem um propósito interacional discursivo e essa renovação acontece de acordo com as nossas experiências na interação com o outro. Assim, surge o neologismo, fenômeno ao qual vamos nos ater neste trabalho. Para Carvalho (2012), o neologismo é ao mesmo tempo uso da língua e subversão, reconhecimento e transgressão da norma. Para ela, a criação de novas palavras requer um domínio da língua suficiente para poder enriquecer estruturas já existentes.

Em *Criação Neológica: Teoria e Prática*, Carvalho ainda traz outros estudiosos para definir o conceito de neologismo. Um dos citados é o Mattoso Câmara Júnior (1978 *apud* CARVALHO, 2012, p. 13), que, em seu *Dicionário de Linguística*, define o fenômeno como uma inovação que se firma na língua, podendo ser um vocábulo novo, neste caso, o neologismo vocabular (ou formal, nomenclatura adotada por Carvalho), ou um novo tipo de construção chamado de neologismo sintático. É claro que o fato de o falante usar a criatividade para criar novas palavras, mesmo que fazendo uso de determinadas regras, não impossibilita que gramáticos mais conservadores definam o fenômeno como um vício de linguagem, pois



consideram a língua como algo finalizado, concluído. Consideramos esta uma visão deturpada da língua e do fenômeno de criação de palavras, pois "a invenção de novos meios de expressão faz parte de diversos aspectos da evolução da língua" (JÚNIOR, 1978 *apud* CARVALHO, 2012, p. 12). Isso também mostra a criatividade do falante e a relação entre língua e sociedade. E é neste ponto que este trabalho está situado, na criação de neologismo e em como o seu surgimento tem uma relação direta com as pressões sociais.

Neste trabalho, discutiremos o conceito de neologismo, sua importância e a relação direta entre língua e sociedade, analisando as palavras 'feminazi', 'feminazismo', 'gayzismo', 'gayzista', 'bolsonazi' e 'bolsonazismo', que tiveram alta frequência de uso em páginas de redes sociais no ano de 2018, no período eleitoral para a Presidência da República do Brasil. Como objetivos específicos, temos: (1) refletir sobre a constante expansão do léxico; (2) observar como o fenômeno é visto por estudiosos, para isso utilizaremos os estudos morfológicos; (3) e discutir quais processos de formação de palavras que levaram à criação de determinadas palavras e a relação entre a criação neológica e o contexto social.

Para entabular esta discussão, traremos a análise das palavras supracitadas que foram bastante produtivas nos meios digitais e usadas principalmente no período eleitoral por minorias LGBTQI+, feministas e por eleitores do então candidato do PSL à Presidência da República e observaremos e discutiremos os processos de formação de palavras que levaram às criações neológicas supracitadas.

O espaço virtual escolhido para pesquisarmos a ocorrência e o uso dessas palavras foi o Twitter, devido a "despreocupação" com a forma de escrita e espontaneidade nos discursos dos usuários desta rede. Além da espontaneidade do discurso, é no Twitter que acontece discussões em minitextos. Assim, os usuários da rede social precisam condensar os seus discursos em apenas alguns caracteres e isso aumenta a produtividade de novas palavras que sejam curtas, mas que expressem o que de fato eles querem dizer. Como recorte, escolhemos o período de 01 a 31 de outubro de 2018 para coletar os dados, devido às eleições para Presidente do Brasil em 2018. É importante salientar que só conseguimos encontrar *tweets* de usuários que não tinham o perfil privado. E foram analisados 325 *tweets*.



Este trabalho é do tipo documental, já que nossa fonte de coleta de dados está restrita a documentos particulares (MARCONI; LAKATOS, 2010) em suporte virtual, onde coletaremos os dados para o nosso *corpus*, neste caso, o Twitter. Além de documental, também é descritivo, pois utilizando o *corpus* coletado iremos analisá-lo e descrevê-lo a fim de observar os processos de formação de palavras que levaram ao surgimento de determinadas criações neológicas.

Processos de formação de palavras

Os neologismos podem ser criados por meio de diferentes processos de formação de palavras. No português, há dois processos básicos para formar novas palavras: a derivação e a composição. Como salienta Monteiro (2002), costuma-se distinguir os dois processos básicos da seguinte maneira: "[...] enquanto na derivação ocorre a anexação de um elemento não independente (afixos e desinências) a outro independente (raízes), na composição se combinam duas ou mais formas livres ou duas ou mais raízes" (MONTEIRO, 2002, p. 191).

Para Basílio (2003), a composição e a derivação são os processos mais gerais para formação de novas palavras, mas, assim como Monteiro (2002), essa autora não exclui que há outros processos bastante produtivos. Segundo a autora, esses dois processos são bastante diferentes, mas complementares na função de formadores de palavras, pois o processo de derivação obedece às necessidades de expressão de categoriais nocionais, enquanto a composição obedece às necessidades de expressão de combinações particulares. Isso porque os afixos possuem funções sintático-semânticas definidas, já que eles delimitam os possíveis usos e significados das palavras a serem formadas pelo processo de derivação. E a composição, que envolve a junção de duas bases, tem a sua função definida a partir da estrutura.

Neologismo formal

Para a análise morfológica das palavras citadas anteriormente, faz-se necessária uma outra abordagem de processos de formação de palavras sob o enfoque de essas serem formações neológicas. Uma categoria dessa abordagem que interessa a este trabalho é o do neologismo formal.



Segundo Carvalho (2012), o neologismo formal constitui uma palavra nova introduzida no nosso idioma, podendo ser um termo vernáculo ou um empréstimo estrangeiro. A palavra *stress* (vinda do inglês) é um bom exemplo disso. Hoje, a palavra já foi dicionarizada e conta com a inserção do "e" antes do primeiro "s" e o "e" depois do último "s" da palavra, já que no português brasileiro não há sílaba sem vogal. Assim, é possível perceber que para que uma palavra passe a ser aportuguesada é preciso que ela seja adaptada aos padrões morfológicos e fonológicos e, consequentemente, gráficos, da língua. Carvalho (2012) ainda menciona que a difusão do neologismo acontece através da fala. Entretanto, temos como hipótese que, hoje, a internet pode ser outro importante meio de disseminação de palavras novas.

Henriques (2011 *apud* PASCHOAL; CARDOSO, 2011) classifica os neologismos formaisde dois modos: por composição e por derivação. E ainda afirma que essas criações neológicas podem assumir vários critérios, mas, segundo ele, geralmente a criação se inspira em outras palavras. O autor supracitado denomina este processo de cruzamento morfológico.

Para ele, há dois tipos de cruzamentos morfológicos: quando a criação neológica se dá por meio de uma base mais um afixo ou com a união de bases lexicais. Para exemplificar, Paschoal e Cardoso (2011), trazem o neologismo 'marinar', criado no *Big Brother Brasil 11* para "homenagear" uma participante chamada Marina pelo fato de ela não entender piadas e ironias ditas pelos participantes do *reality show*. O segundo tipo de cruzamento morfológico acontece quando ocorre a junção de duas bases lexicais, mas um desses elementos sofre aglutinação de alguma parte silábica. Paschoal e Cardoso (2011) trazem a palavra 'feminicídio', para exemplificar. Segundo elas, ocorre a junção da palavra 'feminino' + 'cídio' (que vem de 'homicídio').

Segundo Sablayrolles (2011 *apud* WANDERLEY, 2012), há quatro características que distinguem bem o cruzamento morfológico de outras composições: (1) são morfologicamente não regradas: as operações são articuladas de modo que sua efetivação não constrói uma entidade imediatamente reconhecida pela gramática; (2) fonologicamente, elas incluem ao menos uma sequência de fonemas a partir de vários componentes de uma só vez; (3) sua interpretação é menos previsível e o recurso da recorrência ao contexto tem uma maior relevância



na maioria das vezes; (4) elas podem comportar elementos inabituais na composição (como, por exemplo, nomes próprios).

De acordo com Wanderley (2012), os neologismos também são formados por derivação e por todos os processos de formação de palavras derivadas (derivação prefixal, sufixal, prefixo-sufixal, derivação parassintética, regressiva ou imprópria). Além do neologismo formal, há o neologismo semântico, que consiste na alteração semântica de uma palavra. Para Carvalho (2012), essa alteração semântica acontece por diversos motivos, seja palavras que passam a ter um uso mais específico ou por uma palavra considerada tabu, como, por exemplo, a palavra 'morrer' ou 'roubar'. Como essa classificação não apareceu no *corpus*, não iremos nos aprofundar nas criações vocabulares com alteração de sentido.

Neologismos e contexto social

A inovação lexical de uma língua pode acontecer de diversas maneiras, através de vários tipos de processos. Essas criações podem surgir através de palavras de outras línguas ou junção de partes da palavra, associações arbitrárias, como, por exemplo, siglas, ou não arbitrárias, como as onomatopeias, ou ainda através de novos sentidos e usos.

Neologismo é, como diz Carvalho (2012), uma criação individual. Então, os falantes criativos, os autores e os poetas são os que mais inovam o sistema linguístico, usando, como já foi dito, algumas regras, mesmo que de maneira involuntária. Apesar de ser uma inovação individual, o falante expressa um pensamento e um espírito de coletividade (CARVALHO, 2012, p. 21). E essa criação surge a partir da necessidade de uma comunidade de expressar uma opinião coletiva. A evolução dos meios de comunicação só aumenta essa coletividade, fazendo com que muitas vezes a criação neológica seja muito mais disseminada, principalmente porque o indivíduo não fica isolado, mesmo que esteja num lugar estático, mas consome e incorpora em seu cotidiano valores de realidades distantes.

> As criações linguísticas, portanto, são produzidas sob a influência do contexto sociodiscursivo. Entendemos por esse conceito o conjunto de crenças e valores que permeiam o ambiente de um indivíduo. Assim, ao mesmo tempo, a criação neológica é individual e também coletiva como o próprio signo linguístico (PASCHOAL; CARDOSO, 2016).



A evolução do mundo e do pensamento, o avanço científico-tecnológico e as transformações da sociedade geram mutações que se refletem no léxico, como afirma Pilla (2002) ao falar sobre o assunto em *Neologismos e a face social da língua.* Então, é impossível pensar no léxico, ou na língua, como um produto finalizado, visto que está em constante transformação, gerando novas palavras e ressignificando as já existentes. Isso porque o mundo das representações, do qual a língua faz parte, tem uma dinâmica própria, mas sofre influência de base material da sociedade (CARVALHO, 2002, p. 33). E a função social das representações é assegurar a dominação de uma classe por outra, gerando, assim, uma relação entre dominante e dominado.

Esta relação está fortemente ligada ao *corpus* deste trabalho, visto que vivemos numa sociedade que prega o "discurso heteronormativo" que oprime lésbicas, homens homossexuais e pessoas transgêneras. Esses discursos tomam como base da sociedade a heterossexualidade, de forma que se atribui a esta um *status* de vivência sexual majoritária ao passo que as demais orientações afetivo-sexuais são tidas como exceção (DIAS, 2011, p. 99).

Esse discurso insere a mulher em um domínio heterossexista, isto quer dizer que a mulher deve ter uma relação de subserviência com o homem. E toda e qualquer mulher que não concorda com esse discurso opressor é vista como "feminazi". Ou seja, uma mulher feminista, ativistas pró-escolha e progressistas. O termo, inclusive, começou a ser usado nos anos 90 por Rush Limbaugh, radialista e conversador norte-americano. Em seu livro de 1992, *The WayThingsOughtto Be*, Limbaugh definiu o termo 'feminazi' como "uma mulher para quem a coisa mais importante da vida é garantir que o maior número de abortos possíveis seja realizado"[2]. Com esse discurso, Limbaugh só naturaliza um dos fenômenos sociais que "oprimem" as mulheres, a maternidade; que é vista como única atividade produtiva feminina e retira da mulher o poder de escolha e controle sobre o seu corpo.

[2] Disponível em:https://www.mediamatters.org/research/2012/03/12/feminazi-the-history-of-limbaughs-trademark-slu/186336?fbclid=IwAR1BtE3AdKAkCiYQJIeU34p5OPWwBxLYreHuV3GAb8-atiSRtf5qiofvCBc. Acesso em 22/11/2018.



Assim como ‘feminazi’, que nasceu da necessidade de expressar uma ideia conservadora contra o Movimento Feminista, algumas pessoas começaram a usar o termo ‘gayzismo’ para criticar o Movimento LGBTQI+. Claramente, uma analogia à palavra ‘feminazi’. E, através desses termos, cria-se uma relação entre os movimentos LGBTQI+ e feminista com o nazismo. E, ao relacionar esses movimentos sociais, o falante afirma que esses são movimentos direitistas que desprezam o igualitarismo. Quando, na verdade, as pessoas que se enquadram e fazem parte desses movimentos foram excluídas e violentadas pelo nazismo.

Esse discurso tenta silenciar a homossexualidade e as comunidades que formamos, como se nós não existíssemos. Assim como as mulheres progressistas, pró-escolhas e feministas, que foram criticadas por lutar por direitos ainda não conquistados, os homens e mulheres homossexuais e as pessoas transgêneras buscam e lutam por direitos. Além disso, ainda precisam lutar pela criminalização da LGBTfobia, já que o Brasil é o campeão mundial neste tipo de crime, segundo dados do Grupo Gay Bahia[3], pela aceitação do casamento homoafetivo pelas parcelas mais conservadoras da sociedade e pelo ensino da ideologia de gênero, uma vez que o preconceito é historicamente construído e faz-se necessária uma educação crítica e libertária pautada em políticas públicas que visem amenizar essa ideia construída ao longo das gerações, de naturalização das desigualdades de gênero (SMANIO; BERTOLI, 2013, p. 420), entre outros direitos que poderiam ser conquistados pelo grupo.

Segundo Carvalho (2012, p. 21), a atividade política e as mudanças sociais provocam o surgimento de lexemas, o deslocamento e a consequente mudança de sentido. Foi assim que surgiram as palavras ‘bolsonazi’ e ‘bolsonazismo’, que são claramente análogas às formas ‘feminazi’ e ‘feminazismo’. E o seu aparecimento tem a ver com uma onda conservadora que vem tomando forma desde as eleições de 2014 e chegou ao seu ápice em 2016, segundo pesquisa divulgada pelo Ibope[4]. De acordo com a pesquisa, cerca de 54% da população brasileira tem posicionamentos conservadores em questões como a legalização do aborto, casamento LGBTQI+, pena de morte e redução da maioridade. E há um fator inegável para tal informação:

[3]Notícia dada pelo site O Globo. Disponível em: https://oglobo.globo.com/sociedade/assassinatos-de-lgbt-crescem-30-entre-2016-2017-segundo-relatorio-22295785.
[4] Notícia dada pelo site Carta Capital. Disponível em https://www.cartacapital.com.br/politica/a-nova-onda-conservadora-no-brasil.



a ascensão do ex-deputado federal do PSL e atualmente presidente do Brasil, defensor da ditadura militar, do autoritarismo e de ideias ultraconservadoras.

Se em um passado não tão distante, algumas palavras do nosso *corpus* emergiram como forma de criticar e depreciar movimentos sociais que buscavam direitos igualitários, a palavra 'bolsonazi' surgiu como forma de criticar o posicionamento político dos que apoiaram o até então candidato à presidência do Brasil, além de servir como referência ao nome do candidato, para não o mencionar nas redes sociais; enquanto 'bolsonazismo' surgiu como forma de criticar a ideologia e as ideias políticas do candidato.

Conhecendo o contexto social em que essas palavras emergiram, é possível entender que o processo de criação lexical não se situa somente na estrutura da língua, mas no aspecto sociolinguístico (CARVALHO, 2012, p. 20) e ideológico. O léxico é constituído de palavras, mas não são signos isolados. Essas criações não usam somente a estrutura das palavras, mas a dimensão semântica dos elementos, sejam afixos ou raízes. É através dessa junção, estrutura e semântica, que temos como buscar o referente no mundo real a partir da junção das dimensões estrutural, semântica e discursiva.

Conforme afirma Guilbert (1975 *apud* PILLA, 2002), uma das maneiras de estudar criações neológicas é coletar e descrever um conjunto de neologismos — palavras novas e não dicionarizadas — que surgiram num determinado período e dentro de uma comunidade. Ao notarmos, no período eleitoral, as diversas discussões acerca do futuro presidente da República, percebemos o uso recorrente de algumas palavras que têm uma relação direta com palavras já usadas e disseminadas nas redes sociais antes mesmo do período supracitado. Após entendermos os processos de formações de palavras e o contexto social em que elas surgiram, passemos para a análise mórfica e descrição do *corpus* coletado.

Análise do *corpus*

Análise mórfica

Para iniciarmos nosso trabalho, fomos primeiramente até os dicionários para checar se as palavras que estamos tratando como neologismos se enquadram de fato como criações neológicas. Afinal, como já foi dito, neologismos são palavras novas e não dicionarizadas (GUILBERT, 1975 *apud* Pilla, 2002). Por isso,



verificamos em dicionário *online* (Michaelis) e no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP). Como já era esperado, não encontramos nenhuma das palavras que fazem parte do nosso *corpus*. Porém, as suas formas primitivas foram localizadas, exceto 'bolsonazi' e 'bolsonazismo', visto que têm como palavra primitiva um nome próprio. Confirmando, assim, o que foi dito por Henriques (2011*apud* PASCHOAL; CARDOSO, 2016), que as criações neológicas podem assumir vários critérios, mas geralmente a criação se inspira em outras palavras.

Observando as formas primitivas, percebemos que em todas aparece a raiz [nazi]. Algumas palavras não apresentam a raiz completa; em outras, há resquícios dela, como, por exemplo, em 'gayzismo' e 'gayzista'. Esta raiz vem da palavra nazismo. Na verdade, antes da palavra nazismo, há a palavra 'nazi', que é a acrossemia das palavras *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei,* Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, mais conhecido como Partido Nazista. Já nas palavras 'feminazi' e 'feminazismo', nossa hipótese é que a outra raiz vem da palavra 'feminino', ou pode ter tido sua origem com a palavra 'feminismo', já que é uma crítica ao Movimento Feminista. Já para as palavras 'gayzismo' e 'gayzista', a outra raiz seria 'gay', palavra estrangeira e bastante produtiva no português. E, por último, 'bolsonazi' e 'bolsonazismo', que têm como forma primitiva o sobrenome do candidato do PSL à Presidência da República.

Além de observar e identificar a forma primitiva dessas criações neológicas, podemos perceber o cruzamento morfológico existente entre elas, conceito que foi abordado por Henriques (2011 *apud* PASCHOAL; CARDOSO, 2016) para classificar os neologismos. No nosso *corpus*, há os dois tipos de classificação dada pelo autor. Podemos observar tanto a criação usando uma (1) base lexical mais afixo como também o (2) cruzamento entre duas bases lexicais com partes das palavras que sofreram o processo de aglutinação. Segundo Bauer (1983 *apud* MONTEIRO, 2002, p. 50), base é toda forma a que se pode acrescentar afixo de qualquer tipo. Então, base seria qualquer unidade morfológica (sem incluir os afixos) a qual podemos acrescentar novos elementos para formar novas palavras.

Para exemplificar, faremos a análise mórfica das palavras coletadas em nosso *corpus* e as classificaremos:

1) Feminazi/feminazismo



Nas palavras ‘feminazi’ e ‘feminazismo’, como já foi dito, há duas possibilidades para a forma primitiva dessas palavras, podendo ser ‘feminino’ ou ‘feminista’, segundo Paschoal e Cardoso (2016). Em ‘feminazi’, temos o cruzamento de duas bases lexicais, [femin] e [nazi],que sofreram o processo de aglutinação na letra ‘n’ final da raiz [femin] e no ‘n’ inicial da raiz de [nazi], para formar o termo ‘feminazi’. A segunda raiz dessa palavra vem de ‘nazismo’, que tem como forma primitiva o Partido Nazi.

[femin] + [nazi] → [feminazi]

Já em ‘feminazismo’, além da junção das duas raízes e do processo de aglutinação, foi inserido o sufixo -ismo, formador de substantivo. Este sufixo indica ideologia, doutrina a ser seguida, sistema filosófico, tendências etc. Aqui, há dois movimentos de formação de palavras:

[femin] + [nazi] → [feminazi]
[feminazi] + [-ismo] → [feminazismo]

2) Gayzismo/gayzista

Tanto ‘gayzista’ como ‘gayzismo’ são formados a partir do cruzamento morfológico daraiz [gay] e da palavra ‘nazismo’ e ‘nazista’, respectivamente. As duas palavras vêm da junção de duas bases lexicais com a inserção de afixos.

Em ‘gayzismo’, é possível perceber que parte da raiz da palavra ‘nazismo’, ou seja, [nazi], é apagada e só resta resquícios desse elemento que sofre o processo de aglutinação do ‘i’ final da raiz com o ‘i’ inicial do sufixo -ismo, formado de substantivo.

[nazi] + [-ismo] → [nazismo]
[gay] + [nazismo] → [gaynazismo]
[gaynazismo]

Em ‘gayzista’, o cruzamento morfológico acontece novamente entre a raiz [gay] e a palavra ‘nazista’, que tem como forma primitiva a raiz [nazi]. Note que aqui aparece sufixo latino -ista, formador de substantivos e que indicam a noção de adepto, ocupação ou ofício, especialista. Assim como em gayzismo, acontece o apagamento de parte da raiz e há o processo de aglutinação entre o ‘i’ final da raiz e o ‘i’ inicial do sufixo.

[nazi] + [-ista] → [nazista]



[gay] + [nazista] → [gaynazista]

[gay~~na~~zista]

3) Bolsonazi/bolsonazismo

As palavras ‘bolsonazi’ e ‘bolsonazismo’ passam pelos mesmos processos de ‘feminazi’ e ‘feminazismo’. A raiz [bolso], como já foi dito anteriormente, é parte do sobrenome do candidato do PSL. O cruzamento morfológico é entre as raízes [bolso] e [nazi] para formar ‘bolsonazi’.

[bolso] + [nazi] → [bolsonazi]

Em ‘bolsonazismo’, além do cruzamento morfológico entre as duas raízes, há também a inserção do afixo -ismo:

[bolso] + [na~~zi~~] → [bolsonazi]

[bolsonazi] + [-ism~~o~~] → [bolsonazismo]

Notemos que todos os processos que levaram ao surgimento dessas criações neológicas são parecidos e têm um objetivo em comum: criticar uma ideologia. É importante perceber que todas as palavras mantiveram em suas raízes a grafia da forma primitiva de ‘nazismo’, para que não restassem dúvidas de que o falante estava fazendo relação dos movimentos LGBTQI+ e Feminista com o nazismo. O que também ocorreu com o surgimento da palavra ‘bolsonazi’.

Considerações finais

A análise revelou que as palavras ‘gayzismo’, ‘gayzista’, ‘bolsonazi’ e ‘bolsonazismo’ são análogas as palavras ‘feminazi’ e ‘feminazismo’. Confirmando que há uma inspiração em palavras já usadas anteriormente. Assim como as palavras ‘feminazi’ e ‘feminazismo’, as palavras análogas têm um cruzamento morfológico parecido, seja através do cruzamento entre bases lexicais e afixo ou bases lexicais com algum elemento aglutinado. Além disso, como salientado por Wanderley (2011) e constatado por nós, os neologismos surgem a partir de outros processos de formações de palavras, seja composição ou derivação, e isso acontece por fatores externos a língua. Dessa forma, as pressões sociais que representaram o surgimento de ‘feminazi’ e ‘feminazismo’ são contextos sociais bem



parecidos com o que vivemos hoje e contribuiu para o surgimento de 'gayzismo', 'gayzista', 'bolsonazi' e 'bolsonazismo'.

Após toda a discussão, fica claro que o surgimento dessas criações vocabulares vem da necessidade de uma comunidade de se expressar; consequentemente, um indivíduo dessa comunidade, representando o todo, faz uso de regras e mecanismos que estão intrínsecos à própria língua a fim de nomear e ressignificar algo com um propósito interacional discursivo específico. Isso porque o léxico de uma língua é um produto acumulado dos fatores sociais (PILLA, 2002 p. 14). E o falante criador desse vocábulo prioriza a sua relação como usuário da língua com seu meio social.

Carvalho (2012) menciona o aspecto sociolinguístico dos neologismos. A autora afirma que a formação de um signo é uma resposta às necessidades criadas a uma nova situação. E, neste caso, uma situação conhecida e perigosa, principalmente se formos olhar para o país em que vivemos: o país que mais mata LGBTQI+ no mundo e com dados assustadores sobre a violência contra a mulher. Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), publicados em 2018[5], o Brasil registrou 13 mulheres assassinadas por dia.

Criar uma relação entre as palavras 'gay' e 'feminismo' com o 'nazismo' é esquecer-se do que pregava a ideologia nazista e da realidade de pessoas que fazem parte desses movimentos sociais, que são silenciadas, excluídas. A crítica à onda conservadora que vivemos hoje é o reflexo de um medo que sentimos na pele diariamente. Como disse Zuenir Ventura, em sua coluna no site *O globo*, ao falar sobre a falta de interesse dos brasileiros pela história do país quando houve o incêndio do Museu Nacional, "gostamos do paradoxo de cultivar uma espécie de memória do esquecimento[6]". Não à toa o autor chama o Brasil de País Amnésico. Afinal, só assim para haver pessoas que acreditam que a luta desses movimentos é para aniquilar uma parcela da sociedade, também é a única forma de justificar alguém que coloca no poder um presidente com pensamentos tão conservadores.

[5] Disponível em https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/pesquisa/atlas-da-violencia-2018-ipea-fbsp-2018/. Acesso em 18/11/2018;
[6] Disponível em <http://www2.academia.org.br/artigos/um-pais-amnesico>. Acesso em 28/11/2018.



O discurso heteronormativo oprime o que é diferente, o que está fora do padrão. E o objetivo de oprimir o que é diferente é justamente para ocultar os conflitos de interesses e, principalmente, os conflitos ideológicos. Por isso, não podemos nos calar. De onde veio 'bolsonazi' e 'bolsonazismo', virão outros neologismos que refletem quem somos e pelo que lutamos.

Referências

ANTUNES, Irandé. *Território das palavras*: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BASÍLIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical*. São Paulo: Editora Ática, 2003.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, *2009.*

CARVALHO, Nelly. *Criação neológica*: teoria e prática. Curitiba: Editora Appris, 2012.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 6ª Ed. *2013*.

DIAS, Maria Berenice (Coord.). *Diversidade sexual e direito homoafetivo*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2011.

KOCH, Ingedore; SILVA,Marília Cecília Pérez Souza e. *Linguística aplicada ao português:* morfologia. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

LESSA, Ivan. Um país amnésico. O globo. Rio de Janeiro. 08 set. 2018. Caderno de Cultura.

WANDERLEY, Rita de Kássia Kramer. *Neologia lexical no jornalismo*: as eleições 2010. Dissertação – Mestrado em Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, 2012.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos da metodologia científica*. 7 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*, 4ª edição revista e ampliada. Campinas: Pontes. 2002.

PASCHOAL, Pilar Cordeiro Guimarães; CARDOSO, Viviane Mara Vieira. O efeito patêmico na formação de palavras: expressividade e intencionalidade discursiva.



Revista Philologus, Ano 22, N° 64 Supl.: *Anais do VIII SINEFIL*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2016.

PILLA, Éda Heloisa. *Os neologismos no português e a face social da língua*. Porto Alegre: AGE Editora. 2002.

SMANIO, Gian PaolloPoggio; BARTOLI, Patrícia Tuma Martins. *O direito e as políticas públicas no Brasil*. São Paulo: Atlas. 2013.